

RESENHA *

LIMA, Alexandre Carneiro Cerqueira (Org.). **Imagem, gênero e espaço: representações da Antiguidade.** Niterói: Alternativa, 2014, 159 p.

Juliana Magalhães dos Santos **

Sob a organização de Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, professor do departamento de História e do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e pesquisador do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens na Antiguidade (Nereida/UFF), chega a público uma coletânea significativa de estudos sobre representações espaciais para os pesquisadores da Antiguidade. Fruto do colóquio de mesmo nome realizado em outubro de 2013 no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF) da Universidade Federal Fluminense (UFF), o livro apresenta textos inéditos em português de François de Polignac, professor pesquisador da École Pratique des Hautes Études (EPHE/Paris) e do ANHIMA (Anthropologie et Histories des Mondes Antiques/Paris), e de Violaine Sebillotte Cuchet, professora titular de História Antiga Grega da Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne e pesquisadora do ANHIMA. **Imagem, gênero e espaço** se destaca também ao disponibilizar trabalhos de jovens pesquisadores interessados

* Recebido em 20/01/2015 e aceito em 23/02/2015.

** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens (Nereida/UFF).

em compreender as representações (pictóricas/ literárias) forjadas pelas sociedades antigas.

O livro inicia sua trajetória com o texto *Espaço cultural e paisagem religiosa: entre rito e representação* de François de Polignac, expondo de maneira densa, porém resumida, o conceito de *paisagem religiosa*. Para tal, Polignac investe em inovadoras leituras sobre as representações de Dionísio de Eleutéria em **Antíope** e dos cultos a Ártemis de Táurida (dos Tauros) em **Ifigênia Táurida**, ambas de Eurípides. Embora não sejam representações de destaque em ambas as tramas, suas aparições são inovações introduzidas pelo poeta grego para conferir novo sentido aos locais de culto (Eleutéria; Halai e Brauron, respectivamente). Assim, o conceito de *paisagem religiosa* parte da ideia de espaços culturais para propor uma elaboração livre de assimilação, de acordo com os significados religiosos dos locais que a consomem, conferindo importância a sua incorporação na vida grega, através da interferência de divindades olímpicas.

Especialista em religião grega, Pauline Schmitt Pantel apresenta em *As festas gregas como lugares de memória* o conceito de *memória cultural*, distinguindo-a do conceito de *memória coletiva*, de maneira a evidenciar o caráter de afirmação da identidade como estratégia usada por diversas *polis* em meio a uma multiplicidade de regimes políticos. Cotejando as “funções de memória” para os gregos entre os períodos arcaico e clássico, Schmitt Pantel transita entre cultos heroicos e rituais citadinos para, então, assumir as festividades como local privilegiado da produção de memória, posto que são “um dever religioso e um ato político” (p.31). Ainda que haja a tensão entre memória e esquecimento, as festividades se afirmam como ferramentas de memória ao se utilizarem de estratégias sociais, emocionais e religiosas para manter e reatualizar a própria história de forma a torná-la *perene*.

A terceira representante da historiografia francesa – Violaine Sebillotte Cuchet – apresenta, em *O que o gênero faz na Antiguidade grega (séculos V e IV a.C.)*, o papel dos estudos de gênero para a Antiguidade, de maneira a introduzir a defesa do ambicioso conceito de *regime de gênero*. Partindo da ideia de diferenciação dos sexos, a autora demonstra através de exemplos que o conceito de gênero seria dispersor de signos e normas de comportamento social, e instrumento de retórica comportamental. Esse ordenamento social enfatizaria a especificidade do regime de gênero, que estaria associado a espaços, contextos, sociedades e regimes políticos específicos. Fugindo de

modelos fixos e estáveis, o conceito atenta para a variedade de significados ligados a diferença de sexos, implicando também a maneira como devemos refletir sobre relações entre homens/mulheres, mulheres/mulheres e homens/homens.

Em *O espaço ordenado na cidade grega antiga: lotes, quarteirões ou eixos viários?*, Maria Beatriz Florenzano expõe de maneira sucinta “como a representação do mundo aparece no ordenamento do terreno das cidades gregas” (p.72), explicitamente nas épocas arcaica e clássica. Através de noções musicais, repartições da carne sacrificial ou metodologias de loteamento a partir de noções do traçado agrário, os esboços urbanos obedeciam a lógicas de ordenamento do mundo e pertencimento a um espaço de trocas sociais de cidades em formação na Magna Grécia.

Já Elaine Hirata, em *As práticas religiosas e a organização do espaço na Sicília arcaica: artefatos e estruturas entre a Ástý e a Khóra em Gela*, mostra como os aspectos religiosos dos cultos dedicados a Deméter-Koré em Gela serviam como demarcadores espaciais entre cidade e regiões agrárias fronteiriças. Em específico, certas oferendas a Deméter impressionam pela forma (estátuas de mulheres portando porquinhos), indicando a elaboração de uma identidade religiosa própria inspirada por caracteres helênicos, porém com aportes simbólicos e religiosos locais para facilitar a comunicação entre populações da região.

Renata Vereza, em *A invenção da cidade ibérica baixo-medieval*, nos distancia temporalmente da Antiguidade para apresentar um resumo, porém excelente estudo sobre as múltiplas marcas arquitetônicas deixadas por diferentes ocupações espaciais nas cidades ibéricas. De *civitas romana*, a cidade visigótica lentamente assumiria traçados religiosos cristãos, para então receber a impactante transformação muçulmana. O processo de orientalização imprimiria no local um caráter urbano de lógica privada em que a presença do poder selaria uma marca organizacional, tornando-a uma cidade de serviços. Com a reconquista, a adaptação foi lenta e as alterações mais simbólicas que urbanas, sendo que somente na era moderna, de fato, conseguiram imprimir um caráter de região civilizada e privilegiada pelos centros régios.

Voltando os olhos para a Antiguidade, Adriene Tacla busca por diferentes impactos sofridos pelas interações estabelecidas entre helenos e populações “bárbaras” em *Espaços coloniais e cidades conectadas*, a partir de estudos

sobre mobilidades populacionais. Termos de mediação como “espaço de meio-termo” e “terceiro espaço” evidenciam contextos de conflito e violência, demonstrando as complexas relações de contato entre grupos sociais e indicando o último como um caldo de disputas sociais dentro do mesmo território geográfico. Exploram assim, experiências tais como as cidades portuárias, que apresentam dinâmica populacional híbrida, frutos de diversas práticas culturais.

Patricia Hovart e Cláudia Beltrão analisam, em *Fedra: cena trágica, gênero e aniquilamento na pintura*, elementos comportamentais impostos a uma esposa legítima na Grécia Clássica através da peça **Hipólito** de Eurípidés. Tendo como fio condutor o gênero, as autoras discutem como a representação imagética de Fedra antecipa o clímax trágico, compartilhando com o consumidor os signos literários ao mesmo tempo que abafa as tensões sexuais pelo bom comportamento da personagem. Reafirmando o ideal *poliade*, ainda que ameace o que simula, a *hýbris* não possui lugar na ordem social, restando a Fedra o reposicionamento ao seu papel natural através da morte.

As jovens pesquisadoras Talita Silva, Mariana Virgolino e Camila Jourdan se uniram para escrever o texto *Odisseus e Penélope: exemplos de masculino e feminino a serem seguidos na Grécia arcaica e clássica*, figurando os personagens da **Odisseia** como modelos de autocontrole, bom senso, paciência, diplomacia e astúcia. Tais características lhes seriam fundamentais para a manutenção do *oikos* e do bom casamento, pois demonstram maneiras semelhantes de valorizar o ideal *poliade*.

Fechando o livro com um interessante estudo sobre a representação de animais em vasos coríntios, Alexandre Lima apresenta, em *Pantera e águia: representações de animais nos frisos da Cratera E 630 do Museu do Louvre*, como o contato de técnicas e obras com diferentes culturas e artesãos foi fundamental para cunhar um estilo artístico orientalizante no Período Arcaico. Os animais, elementos do imaginário espacial do istmo de Corinto, “poderiam estar relacionados às ideias de poder, de força, de alteridade, de selvageria, de sedução, de sexualidade e de competição no seio das elites” (p. 152), evocando certas potências e atributos de maneira a rememorar os ideais *poliades*. Elementos do fabuloso, as imagens reforçavam ideais de competição, *paidéia*, *andreia* e *métis* frente aqueles desconhecidos (“o outro”) que poderiam consumir tais peças através de transações comerciais.

Imagem, gênero e espaço: representações da Antiguidade consegue reunir em sua coletânea de trabalhos diferentes olhares, mesclando análises profundas e desbravadoras que levam o leitor a indagar sobre as importantes conquistas teórico-metodológicas da história social da cultura. Assim, podemos considerar o livro como uma importante ferramenta a ser explorada por pesquisadores, estudantes e interessados na área, devido a sua abordagem atual e instigadora sobre temas que contribuem para a compreensão de diversas práticas sociais da Antiguidade.